

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MEMÓRIAS EM AZULEJOS: PERCEPÇÕES SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL EM CAMPO LARGO (PR)

Fábio Lucas da Cruz

Instituto Federal do Paraná

fabio.cruz@ifpr.edu.br

Resumo: Este trabalho resulta de pesquisas sobre Educação Patrimonial realizadas desde 2017 no IFPR – Campus Campo Largo. Inicialmente, procuramos conhecer as peculiaridades do museu da cidade e ofertamos oficinas sobre Educação Patrimonial a docentes locais e a funcionários do museu. Numa segunda etapa, a pesquisa consistiu na análise dos murais de azulejos que estão expostos em diferentes locais da cidade de Campo Largo. Apresentam pinturas sobre diversos momentos da história do município e foram criados por artistas regionais, como Poty Lazzarotto, Jorge Omar Cardoso Pagano e Renato Hundsdorfer. A maior parte dos painéis foi inaugurada no ano 2000 e as obras já foram danificadas em diferentes momentos. Isto ocorreu principalmente com o painel de Renato Hundsdorfer, o qual destaca os imigrantes italianos na cidade. Os painéis enaltecem a história local por meio de representações sobre a imigração e o desenvolvimento da indústria cerâmica, principal área produtiva do município. Pouco conhecidos e notados, os murais cerâmicos fazem parte de uma política cultural decorrente de parcerias de empresas e poder público, os quais contrataram artistas renomados para enaltecer a história do povo de Campo Largo e da indústria cerâmica.

Palavras-chave: Patrimônio cultural. História regional. Educação Patrimonial.

Introdução

A valorização do patrimônio cultural brasileiro determinada pela Constituição Federal e os princípios de Educação Patrimonial que permeiam os currículos das escolas de Educação Básica Brasileira são exemplos de fundamentos legais associados a políticas públicas de incentivo à compreensão da diversidade cultural e do processo de formação

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

da sociedade brasileira. Abordar a história, as memórias e a cultura material e imaterial de uma localidade é indispensável para a formação cidadã.

Este trabalho resulta de pesquisas sobre Educação Patrimonial realizadas desde 2017 no IFPR – Campus Campo Largo. Inicialmente, procuramos conhecer as peculiaridades do Museu Histórico municipal e ofertamos oficinas sobre Educação Patrimonial a docentes locais e a funcionários do museu. Este texto descreve a segunda etapa da pesquisa, voltada à análise dos murais de azulejos que estão expostos em diferentes locais da cidade de Campo Largo. Apresentam pinturas sobre diversos momentos da história do município e foram criados por artistas regionais, como Poty Lazzarotto, Jorge Omar Cardoso Pagano e Renato Hundsdorfer.

A maior parte dos painéis foi inaugurada no ano 2000 e as obras já foram danificadas em diferentes momentos. Isto ocorreu principalmente com o painel de Renato Hundsdorfer, o qual destaca os imigrantes italianos na cidade. Os painéis enaltecem a história local por meio de representações sobre a imigração e o desenvolvimento da indústria cerâmica, principal área produtiva do município.

Por muito tempo, a história foi escrita e ensinada a partir de perspectivas positivistas e baseada no documento escrito, na memorização de datas e na heroificação de personalidades. É possível abordar a história considerando diversas fontes. Segundo Le Febvre, estudamos a história a partir de “tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem (Apud. LEGOFF,1996)”.

Em consonância com as abordagens de Pierre Nora (1993) e Paul Ricouer (2007), consideramos que a História é uma ciência que constrói narrativas sobre as ações humanas no tempo e se correlaciona com as memórias individuais, que são suas importantes fontes de estudo. A memória é uma construção individual sobre os acontecimentos vivenciados pelo sujeito, emoções e interesses pessoais enaltecem ou diminuem aspectos daquilo que se quer lembrar.

A memória é dinâmica e está em constante atualização. Uma comunidade pode partilhar memórias e compartilhar uma narrativa oficial, locais e objetos que remetem a estas narrativas. Como grupo social, os indivíduos partilham características culturais e históricas selecionadas para criar uma diferenciação do grupo em relação a outras

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

comunidades. As instituições públicas possuem papel fundamental para valorizar os elementos da cultura material e imaterial por meio do planejamento da Educação Patrimonial.

A proposta deste trabalho de pesquisa sobre a memória, história e identidade a partir de estudo dos painéis cerâmicos de pretende contribuir para ampliar visões sobre o local e a construção das identidades. A Educação Patrimonial permite apropriar-se do espaço da cidade como manifestação cultural e lugares da história e da memória. Quanto mais valorizarmos a cultura local, maior será o comprometimento dos cidadãos com os objetivos de uma comunidade, como também maior será a compreensão da diversidade cultural e do processo histórico que caracteriza nossas vidas:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e os adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA, 2006, p. 6)

Painéis cerâmicos de Campo Largo

Os painéis cerâmicos de Campo Largo foram criados por artistas renomados a pedido da prefeitura municipal em parceria com empresas do setor cerâmico, com destaque para a empresa INCEPA. Estes painéis dão especial valor à importância da indústria e reforçam a imagem de Campo Largo como “Capital da Louça”.

A indústria cerâmica também está vinculada à história da chegada dos imigrantes no Município, os quais foram exaltados nos painéis de Renato Hundsdorfer. A partir de pesquisas bibliográficas, observamos que o setor cerâmico ganhou impulso nas primeiras décadas do século XX com a participação de imigrantes poloneses e italianos. A Cerâmica Iguassú, por exemplo, foi fundada pelo italiano José Romano Munari em 1925. Imigrantes que deixavam de trabalhar nas empresas de administração familiar como

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Schmidt e Germer também se tornaram empreendedores, estimulando a produção de louças na região.

O painel que mais destaca a indústria cerâmica foi produzido por Poty Lazzarotto e está exposto em frente da fábrica INCEPA (Indústria Cerâmica Paraná). O curitibano Poty Lazzarotto (1924-1998) é um dos mais célebres artistas nacionais. Suas obras abordam a história do Paraná e enaltecem o protagonismo histórico de indivíduos de diferentes grupos sociais. A experiência como desenhista e o domínio da xilogravura influenciaram seus murais com madeira, cerâmica e concreto. Os traços dos desenhos são bem acentuados, utiliza cores fortes, muitas formas geométricas e temas do cotidiano.

O painel de Lazzarotto em Campo Largo valoriza o trabalhador e expressa a relação da indústria com a natureza apresentando os edifícios e fornos em meio a árvores, um animal e o sol. Lembremos que a matéria-prima para a produção de cerâmica (argila caulínica) atraiu as empresas à região e o trabalho de imigrantes foi fundamental para o setor. A imagem valoriza os trabalhadores suíços. O trabalhador central carrega muitos azulejos, demonstrando força: mãos e braços têm grande proporção. Outro trabalhador desenha, denotando a arte e a criatividade que seriam necessárias na cerâmica. A pintura também apresenta a palavra “export” para se referir à importância do mercado externo para economia local.



Figura 1: Painel de Poty Lazzarotto situado em frente à INCEPA. Fotografia do acervo da Prefeitura de Campo Largo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O painel de Eliane Pissaia dos Santos e Keila Cristina de Castro data do ano 2000 e valoriza a indústria cerâmica. As artistas utilizaram o losango para destacar de um lado potes e jarros artesanais e de outros elementos de porcelana como bules e xícaras. Mostra o processo de elaboração da cerâmica em Campo Largo e, por meio de linhas e da imagem de um beija-flor, estimula reflexões sobre a beleza, a natureza e a transformação. Miniaturas de araucárias enfatizam a vinculação com a região paranaense. Em 2013, a imprensa local denunciou a deterioração da obra, que foi revitalizada recentemente.

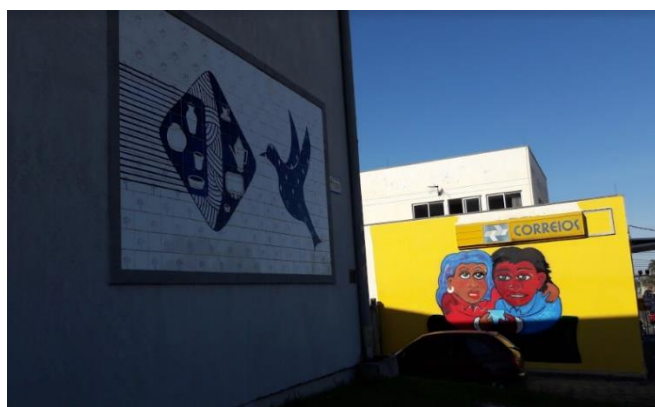


Figura 2: Painel de Eliane Pissaia dos Santos e Keila Cristina de Castro (foto do autor – 2019)

O painel de Renato Hundsdorfer narra a história da cidade através da cronologia de seus “ciclos econômicos”. O artista utiliza uma mesma coloração e desenha a paisagem montanhosa, a chegada dos primeiros moradores, a mineração, a produção de vinho, a extração de madeira e a produção cerâmica nas formas artesanal e industrial. Dois patrimônios históricos são destacados na imagem: a Igreja Matriz Nossa Senhora da Piedade, construída entre 1918 e 1936; e Antigo Engenho de Mate da Rondinha, bem tombado pelo estado que foi construído em 1870 pelo Capitão Carlos José de Souza Franco.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Figura 3: Painel de Renato Hundsdorfer. Revista Mais Campo Largo, p. 81.

Renato Hundsdorfer é artista plástico, historiador, escritor, pesquisador e fotógrafo. Trabalhou como aprendiz de decorador de porcelanas na fábrica Schmidt. Utilizou técnicas de pintura manual, gravação e baixo esmalte. Foi fotógrafo por 13 anos. Também é responsável pelo Painel Memorial da Cultura Italiana, inaugurado em 22 de julho de 2000. Este monumento retrata a colônia Rondinha em 1934, criada pelos italianos. Um painel mostra a chegada dos imigrantes e outro tem como tema “A Uva e o Vinho”.

Dois painéis com temas bem diferentes dos demais estão expostos na área do Museu Histórico. As obras “Brasil 500 anos” e “Os Expedicionários” de Jorge Omar Pagano são caracterizados pelo patriotismo. O primeiro painel enaltece paisagens naturais e os símbolos nacionais. O segundo cria uma imagem heroica para os moradores de Campo Largo que lutaram na Segunda Guerra Mundial integrando a Força Expedicionária Brasileira. Apresenta nomes dos pracinhas, com destaque para Constantino Marochi, o primeiro brasileiro morto nos combates na Itália. Exposto na Sala dos Expedicionários do Museu Histórico de Campo Largo, a obra é bastante conhecida e valorizada pelos moradores.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Figura 4: Foto de inauguração do Painel Memorial da Cultura Italiana, de Renato Hundsdorf. Acervo do Jornal “Folha de Campo Largo”.



Figura 5: Painel “Brasil 500 Anos”, do artista Jorge Omar Pagano. Enaltece paisagens naturais e os símbolos nacionais. Foto do autor, 2019.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Figura 6: “Os Expedicionários”, de Jorge Omar Pagano. Foto do autor, 2019.

Os painéis invisibilizam a história de indígenas e negros. Há uma importante comunidade quilombola na região, o “Palmital dos Pretos”. Os Guarani ensinaram aos primeiros povoadores do Paraná a utilizar erva-mate, que se tornou o principal produto de exportação paranaense no século XIX. Em 1875, havia na região de Campo Largo 13 engenhos ligados à extração de erva-mate. Um dos locais é hoje chamado Parque do Mate e é o único bem tombado do município de Campo Largo.

Os painéis valorizam a cerâmica por sua importância econômica e pela relação com as empresas que financiaram as obras, como a INCEPA. Os murais mantêm a visão de que a cidade foi construída pelos imigrantes. No final do século XIX, o estado paranaense financiou a vinda de italianos, poloneses, alemães, ucranianos e russos e foram criadas várias colônias: “Alice” (1885): poloneses; “Santa Cristina”(1885): poloneses; “Dom Pedro II” (1876) - poloneses, suíços, ingleses; “Antônio Rebouças” (1878) - italianos; “Balbino Cunha” (1889) - italianos; “Dona Mariana”(1888) - italianos, poloneses, brasileiros; “Mendes de Sá”(1885) - italianos, poloneses, brasileiros; “Açungui”(1859 - ingleses, franceses, italianos, alemães e russos; “Tomaz Coelho”(1876) - poloneses.

Percepções sobre os murais cerâmicos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Para compreender o olhar da população sobre os painéis foram aplicados questionários para 330 participantes, sendo 264 da comunidade escolar e 66 da comunidade externa ao IFPR – Campus Campo Largo, com idades entre 14 a 66 anos. Os questionários aplicados dentro da comunidade escolar foram divididos nas categorias: ensino médio, subsequente, nível superior e proeja. Dentro da categoria “ensino médio” foi possível analisar como a educação patrimonial está sendo aplicada no município e dentro das categorias “subsequente” e “nível superior” foi possível analisar a visão que indivíduos que já atravessaram todo o ensino fundamental e médio tem do patrimônio histórico da cidade. O período de aplicação foi de 18/03/2019 a 07/05/2019.

A maioria dos murais foi feita por artistas campo-larguenses. Quanto à visibilidade desses artistas no município, a maioria desconhece os artistas: 2,6% dos adolescentes e 15,4% dos alunos do nível superior conhecem os artistas. Reproduzimos imagens dos painéis e perguntamos a quantidade que conheciam. Metade dos entrevistados conheciam mais de 4 painéis e 32,1% lembravam-se de dois murais. Os entrevistados lembraram-se apenas dos murais de azulejos que estão expostos na Praça Getúlio Vargas, localizada no Centro da cidade e local de muito movimento. Para entender por que alguns painéis são pouco conhecidos deve-se considerar que poucas pessoas frequentam o Museu Histórico, onde há um painel interno, e a localização de dois murais de azulejos (Imigrantes italianos na Rondinha e o mural de Potty Lazzaroto na INCEPA) é muito desfavorável para observação, pois ficam entre vias rápidas com poucos locais para estacionar.

Segundo Edilene Portella, coordenadora do Museu Histórico de Campo Largo, a conexão do Museu de Campo Largo com as escolas é falha e os jovens desconhecem que a instituição é um espaço cultural gratuito. Ela aponta que o Museu precisa resgatar sua função em relação à história local:

Eu vi que o Museu tinha uma visão de exposições muito abertas. Por exemplo, salas com exposições, quadros, quadrinhos, tudo com muita mistura com cultura que eu achei que agora não era viável. Era preciso mudar a visão do museu, trazer de volta a visão do museu histórico campolarguense. Eu acho que está dando certo, pois o pessoal está vindo mais, está entendendo. Nós ainda não temos pessoal ligado à história para contar-nos e expor, como os alunos do Kennedy estão fazendo. Eu tenho esta dificuldade de pessoal. Por exemplo, pela manhã eu fico sozinha, não tenho ninguém. (...)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Eu gostaria que função social do museu fosse a do resgate mesmo. O museu como uma instituição cultural, que precisa agregar as pessoas daqui com as de fora, que vêm morar para cá, mostrando a história da cidade. Toda cidade tem uma história, mas às vezes não tem como mostrar às pessoas. Então acho que devagar, cada um vindo aqui, e olhando um pouquinho, vai sair daqui nem que seja pensando um pouquinho na história dos poloneses, na época dos avós, ou trazendo uma peça que gosta, eu quero isso e penso isto. Se eu consegui um pouquinho eu já fico feliz. (Entrevista concedida em 20 de setembro de 2017).

Considerações finais

Os murais cerâmicos da cidade passam muitas vezes despercebidos e pouco valorizados, mesmo constituindo uma importante política cultural decorrente de parcerias de empresas e poder público, com a contratação de artistas como Poty Lazzarotto e Renato Hundsdorfer, para valorizar a história local e sua relação com a indústria cerâmica. É necessário que estes elementos sejam apropriados como uma representação da cidade e se tornem meio de reflexão sobre a identidade sociocultural dos moradores com o auxílio de práticas educativas desde a primeira fase da Educação Básica, momento da vida escolar no qual descobrir mais sobre o meio em que se vive é parte fundamental da construção de uma noção de pertencimento no mundo.

Para contribuir com a Educação Patrimonial a partir do estudo dos painéis, bolsistas do projeto elaboraram um site com informações, imagens e jogos. Também criaram um livro digital para que os professores utilizassem em suas aulas conforme as realidades escolares.

Por meio do painel sobre a imigração, levantamos material fotográfico disponível no Museu Histórico de Campo Largo para abordar a vida de italianos, poloneses no início da cidade. Para estudantes da Educação Infantil, sugerimos histórias, fantoches, pintura e brincadeiras que se relacionem aos painéis no momento educacional. Por exemplo, o painel de Eliane Pissaia que apresenta um beija-flor e as cerâmicas é propício para abordar objetos do cotidiano, valorizando elementos concretos e lúdicos.

O objetivo dessas atividades é evidenciar nossa imagem e identidade através da memória, buscando referências históricas que contribuem na legitimação no presente. Um debate propício para realizar com os alunos é a problematização de como analisamos o passado e nossa relação com o patrimônio cultural.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Referências bibliográficas

ASSUMPTÃO, Paulo. **O patrimônio**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.

BRASIL. Ministério da Cultura. **IPHAN - Coletânea de Leis sobre Preservação do Patrimônio**. Rio de Janeiro:

ECKER, A; CARVALHO, C. F. de; PELLANDA JUNIOR, R. L; KISTMANN, V. B. **Levantamento da História da produção cerâmica na Grande Curitiba**. Sem datação. Disponível em: <<https://www.ipen.br/biblioteca/cd/cbc/2003/artigos/47cbc-7-05.doc>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

FIGUEIRA, Cristina Reis; MIRANDA, Lílian Lisboa. **Educação Patrimonial no ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental: conceitos e práticas**. São Paulo: Edições SM, 2012.

FOLHA DE CAMPO LARGO. “Painel do prédio do antigo Fórum está se deteriorando e pode desaparecer”. 05 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.folhadecampolargo.com.br/vernoticia.php?id=27748&page==1>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

FOLHA DE CAMPO LARGO. “Renato Hundsdorfer: muita história pra contar”. 23 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://www.folhadecampolargo.com.br/vernoticia.php?id=27163>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

FOLHA DE CAMPO LARGO. Inaugurada domingo a Praça do Imigrante Italiano. Campo Largo, 04 de agosto de 1994.

GERMINARI, Geysa Dongley. **Histórias de Campo Largo**. Campo Largo: Edição do autor, 2002.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Espirais do tempo: Bens tombados do Paraná. Curitiba: Secretaria de Estado de Cultura, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. 3.ed., Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Museu Imperial, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MALTÊZ, Camila R. et al. “Educação e Patrimônio: O papel da Escola na preservação e valorização do Patrimônio Cultural”. **Pedagogia em ação**, v.2, n.2, nov. 2010, p. 1-117.

PANOFKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2011.